Mário Bruno

ATÉ QUE O CORPO

SE DECIDA

Roteiro

2017

Até que o corpo, com todo o seu volume, se decida a seguir pelo sopro da alma que, cada vez mais viva anda num mundo inteiramente atônito.

Fernando Echevarria

Eu não queria admitir que essa força sutil nos engoliria, e um dia eu iria acordar e perceber que estávamos num crepúsculo doente, num quadro íntimo de Hopper, perdidos no fastio de nossos espaços fechados e de nossos cigarros sucessivos.

Creio que meu espírito não raciocina com clareza, as minhas deduções não são legítimas, são sombras de divagações.

E você? Um mundo ignorado, um rosto bonito, signos de uma impiedosa violência protegidos no hálito de seus lábios.

A morte, a noite, a eternidade. Essas palavras parecem flutuar à superfície das coisas.

Sei apenas que tenho um corpo. Meu corpo não tem nome, é uma ponte, um sobrado, um relógio, uma folha não escrita.

Meu corpo é onde se perdem o que é cedo demais, os afetos e as horas tardias.

∴

E o seu corpo? Você é uma mulher, entretanto pouco mais do que uma menina, imagino que quase se pode levar ao colo. Mas seus olhos são lúcidos e implacáveis.

Todas as imprecisões envolvem o que eu digo.

Os homens caminham nas ruas e funcionam, têm ritmo. Os mais simples são os melhores, parecem preservar pouca humanidade.

Sua boca. Que nada me perca da sua boca!

As palavras raramente são novas, mas com você elas surgem vibrantes.

Meu mundo animal, vegetal, fissurados por palavras e desconhecidas sensações.

∴

Um homem, uma mulher entram num hotel. É uma noite de chuva.

Ali eles pensam que criam o amor.

Um homem e uma mulher têm convenções diferentes, tem corações diferentes, têm pulsações diferentes.

Eles têm mortes diferentes.

Por isso o amor é uma urgência.

E aí a polícia moral procura pelos amantes escondidos num quarto de hotel:

– É preciso encontrar esses amantes, antes que seja tarde!

Um homem e uma mulher quiseram inventar o amor como quem frequenta uma escola do interior pequena e inexplicavelmente triste.

∴

Estranha cidade. É impossível pensar. Excesso de carros numa rua de números e números. Minha rua me atravessa, desfaz-se em ações sem sentido. E a vida se desenrola, se desdobra, se corrói, mais espessa, mais espessa...

Minha rua é apenas minha rua. Este prédio é apenas um número.

∴

A vantagem de já estar morto é ter cortado todas as raízes. Pode se matar um jovem pleno de sonhos. Pode se matar até uma criança que nada viveu.

Mas ninguém pode matar o que não está vivo.

Minha vida era uma árvore a crescer em raízes e ramos.

Eu sentia que era invisível. Por isso, olhava para todos e sorria.

Às vezes é bom não existir.

∴

O desacerto dos seus passos me tolhia em avanço.

Sua petulância temperada de sorrisos afáveis.

Sua tolerância com traços de ironia, às vezes infantil e por isso mesmo, mais cruel.

A crueldade é o único sentimento que elejo nas minhas formas imprecisas de solidão.

∴

Insensíveis aos caprichos do tempo, desmemoriados diante de tudo. Resistindo aos momentos perdidos, ainda éramos passado e futuro. Assim, podíamos escolher entre o silêncio e a palavra, entre os pressentimentos e os murmúrios.

Ainda diviso o mover sereno de minha imagem, de sua imagem, de sua presença em mim. Minhas sílabas oscilam ausentes,

mas cheias de mundo, nessa cisão do que havia em nós. E neste fragmento de você ou de mim, espaçoso em sua sombra, tudo é continuamente frágil.

Em você, e no abismo de seus movimentos, seguir entre o não existido e a indagação do que em mim existiu. Queria guardar este silêncio como os segredos de tudo que pude olhar sozinho; como quem segura o relógio, acreditando retrair o tempo. Mas as palavras são rumos insubmissos. Talvez nunca mais olhe você assim, por não olhar de onde eu a vejo

∴

É estranho o livro da memória com as suas surpresas.

Supomos que cada dia de nossa vida se acrescenta aos outros. Um gráfico nos daria a história dessa dinâmica de níveis e desníveis que se inserem e se configuram como missangas sem fio. O resto é imponderável, já que tudo são linearidades referenciadas.

Sem turbilhões o mundo volta a ser sempre o que havia sido.

Desejo pensar que isso não é risível.

∴

Pois bem, amanhã você me aparece, não me telefonou, não me escreveu, nem me disse onde foi.

Onde você fica que nunca esteve comigo?

∴

O que me preocupa não é a morte, mas o meu espólio. Preciso destruir os versos e os contos que não publiquei; rasgar as cartas, as fotos íntimas e inestéticas, deixar tudo definitivamente apagado. Temo o despudor.

Receio o cinismo daqueles que não amam nenhuma vida.

∴

O que temos em comum? Um certo fetiche em relação à verdade?

Não, gostamos mais das mentiras:

– Me diga sempre onde você esteve, aonde você foi, ainda que minta.

E aí a sua retribuição:

– Me diga sempre que todos os dias me ama com a mesma intensidade.